

AMOR, DESEJO E GOZO NA CONTEMPORANEIDADE.

Marcus do Rio Teixeira

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o convite que me foi feito pela professora Jackeline Kruschewsky para participar desta Jornada sobre *Amor e/ou sexo* e dizer que considero importante trazer a discussão desse tema para a academia, o que não significa que tenhamos a intenção de “academizar” o amor, como muito bem lembrava o professor Roberto. Inicialmente me perguntei qual o tom que deveria dar à minha fala, qual abordagem deveria seguir. Se deveria traçar um percurso histórico, mostrando como a Psicanálise, desde Freud e, sobretudo, a partir do ensino de Lacan – que é uma referência que orienta a minha prática –, trouxe elementos importantes para pensar o amor e o sexo. No que concerne ao sexo, a teoria psicanalítica resgata o tema do senso comum ao definir os conceitos de desejo e gozo, situando o primeiro como desejo inconsciente e atribuindo ao segundo um sentido diferente do prazer, pois inclui, por exemplo, o gozo do sintoma (ainda que não exclua o gozo sexual)¹. Esses conceitos já nos trariam elementos suficientes para nos ocupar por um longo tempo. Porém, em vez disso, resolvi focar a minha apresentação num recorte bem específico da teoria psicanalítica.

Esse recorte diz respeito a um determinado aspecto, expresso no próprio título deste colóquio – a relação difícil, senão problemática, entre o amor e o desejo sexual. Como diz o título, a relação entre amor e sexo se dá como acréscimo ou exclusão mútua – “e/ou” – de categorias heterogêneas. Esse tema já foi estudado por Freud no início do século passado, numa série de artigos intitulada “Contribuições à Psicologia do Amor”. Em um desses artigos, “Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa”², Freud descreve uma situação comum entre os homens: a separação entre o objeto do desejo e o objeto do amor. Segundo ele, um homem que se situa nessa posição não consegue desejar sexualmente a mulher que ele ama, ao mesmo tempo em que necessita depreciar as mulheres, eliminando qualquer sentimento

¹ Sobre esse conceito, tratei em outro lugar: TEIXEIRA, M. do R. Os gozos: sobre duas dicotomias presentes no Seminário 20: Mais, ainda. In: PEREIRA, M.F. (Org.). *Real, simbólico, imaginário e sintoma na clínica psicanalítica*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2013. p.187-203.

² FREUD, S. Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (Contribuições à Psicologia do Amor II) [1912]. In: _____. *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. v.9, p.346-363.

amoroso, para que possa desejá-las. Há uma clivagem do desejo, nos termos freudianos, entre uma corrente terna (o amor) e uma corrente sensual (o desejo sexual propriamente dito).

Poderíamos questionar a validade das observações de Freud, uma vez que foram elaboradas há um século. Aliás, esta é uma crítica frequente à teoria freudiana, que a acusa de ser ultrapassada, de se basear em uma realidade social muito distante da atualidade, etc. Porém, se observarmos com atenção o que se passa na contemporaneidade, notaremos que, apesar de todas as transformações nos costumes, sobretudo no que concerne às relações amorosas/sexuais, ainda é muito frequente encontrar quem divida as mulheres em “santas” e “vadias” – sendo as primeiras para namorar (ou mesmo para casar) e as segundas somente para o sexo sem compromisso. Mas não é somente isso: esta divisão não é feita apenas pelos homens, mas também pelas mulheres, as quais se identificam com um desses lugares. Ora, o que é isso, senão um exemplo da separação diagnosticada por Freud entre amor e sexo há mais de cem anos?

Dada a persistência dessa separação, cabe pensar que ela possui uma causa mais profunda e duradoura do que um simples preconceito vigente em uma determinada sociedade. No seu artigo, Freud situa a origem de tal clivagem no investimento do primeiro objeto do amor, ou seja, a mãe. A eleição de uma mulher como objeto do amor a aproximaria, no inconsciente, da figura materna, confundindo-a com o objeto incestuoso e, com isso, interditando-a como objeto do desejo. O desinvestimento amoroso de uma mulher, por sua vez, garantiria para o sujeito que essa mulher não possui nada em comum com a mãe e que, portanto, pode ser desejada.

Lacan³, no seu artigo “A significação do falo”, ratifica a teoria de Freud considerando essa clivagem entre o objeto do amor e o objeto do desejo sexual como uma consequência de uma “tendência centrífuga” da pulsão. Mais tarde, ao longo do seu ensino, ele radicaliza essa clivagem situando o amor não como uma corrente do desejo, como o definia Freud, mas enquanto um afeto independente do desejo. Ele vai retomar em diversas ocasiões o Eros freudiano como aspiração a fazer o Um a partir de dois, frisando o caráter ilusório dessa aspiração. “O amor é impotente [...] porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos... A relação *dos* quem? – *dois* sexos”⁴. Ele faz referência aqui ao seu polêmico aforismo: “Não existe relação [*rapport*] sexual”.

³ LACAN, J. A significação do falo [1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703. p. 702.

⁴ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 13.

Para compreendermos essa frase propositalmente provocadora, é preciso considerar que, para a Psicanálise, a sexualidade dos seres da linguagem – dos *falasseres*, como denominou Lacan – não é um processo natural. A linguagem opera uma desnaturação do sexo: diferentemente dos animais, não possuímos um instinto sexual que visa um objeto natural (o sexo oposto) com a finalidade de reprodução da espécie. Na natureza, não existe tampouco sofrimento ligado ao sexo, porque cada indivíduo segue um conjunto de condutas universais e predeterminadas (o cio), que o guiam sem hesitação ao encontro do objeto sexual. Freud vai mostrar que, em nossa espécie, ao contrário, a sexualidade não é regida pelo instinto, mas pelas pulsões, as quais visam objetos que nada têm a ver com uma finalidade reprodutiva. Ele descreve a sexualidade infantil como *perversa polimorfa*, ou seja, como uma espécie de amostra de todas as formas de perversão. Dessa forma, diz Freud ⁵, “[...] a observação mostra facilmente que raras vezes um ou outro traço de perversão não está presente na vida sexual de pessoas normais.”

Além disso, a linguagem, ao mesmo tempo em que nos afasta de uma sexualidade natural, não fornece nenhuma garantia do que poderia ser um laço entre os sexos. Isso nos afasta definitivamente de uma harmonia natural. “Mas o fim da verdade, a verdade verdadeira, é que entre homem e mulher as coisas não caminham bem.” ⁶ Não há um *rapport* – palavra que Lacan emprega e que significa tanto *relação* quanto *proporção* e *razão*, no sentido lógico-matemático – pois não há na linguagem um significante que garanta um laço entre os sexos. Isso não significa que não pode haver o encontro sexual, obviamente. Ao contrário, a falta instaurada pela linguagem gera o desejo. Como define de forma bem-humorada um analista lacaniano, Ricardo Estacolchic ⁷: “A relação sexual não existe... e é por isso que as pessoas trepam”.

Lacan⁸ vai dizer então que: “O que vem em suplência à relação sexual é precisamente o amor”. Ou seja, que o amor tenta criar imaginariamente esse laço que a linguagem não é capaz de estabelecer. Observem que essa concepção é um avanço em relação à teoria de Freud, pois, além de constatar e explicar a separação entre amor e desejo sexual, Lacan situa o amor como uma tentativa de solucionar essa falha que é instaurada pela linguagem.

⁵ FREUD, S. Conferências introdutórias à psicanálise: Conferência 21 – O desenvolvimento da libido e as organizações genitais [1917]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. vol. 13, p. 424-450, p. 427.

⁶ LACAN, J. *Conferências nos EUA* [1975]. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1995 (Publicação interna, sem fins comerciais). p. 10.

⁷ ESTACOLCHIC, Ricardo; RODRIGUEZ, Sérgio. *Filhinhos de mamãe: destinos da sexualidade masculina*. Salvador: Ágalma, 2011. p. 25.

⁸ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...*, op. cit., p. 51.

Diferentemente do gozo sexual, onde, na trilha da pulsão, o objeto é recortado imaginariamente sobre o corpo do outro, “No amor, o que se visa, é ao sujeito, ao sujeito como tal [...]”⁹. Então, temos, de um lado, o desejo que é causado por objetos parciais e o gozo de tais objetos, que, por serem parciais, não constituem uma totalidade; do outro, o amor, que visa um sujeito almejando uma totalidade.

Lacan¹⁰, entretanto, concordava com Freud no sentido de que a clivagem entre amor e desejo sexual seria uma característica exclusiva dos falasseres numa posição masculina. Já uma mulher tomaria seu parceiro ao mesmo tempo como objeto do desejo e do amor. “Mas ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada”.

Mais recentemente, porém, seguidores de Lacan, como a analista Marisa Fiumanó¹¹, observaram na sua clínica que essa clivagem se faz presente na atualidade também entre as mulheres.

Por certo, nossa modernidade também propõe às mulheres um modelo fálico, que torna disjuntos, para elas, assim como para os homens, o amor e o desejo, produzindo o rebaixamento amoroso de que Freud nos fala, a propósito da sexualidade masculina. Esta não é ainda a regra, mas ela tem a tendência de tornar-se assim para as gerações mais jovens.

Essa mudança, que se deve certamente às transformações sociais que enfraqueceram o poder da família e da religião de interditar o sexo e que alçaram as mulheres a uma posição ativa como desejanter, encerra, contudo, uma ironia. Se ela estabelece uma igualdade – longamente reivindicada – entre homens e mulheres no que diz respeito ao desejo, essa igualdade se dá no plano da falta, da insatisfação. Pois a disjunção entre o amor e o desejo que Freud detectou originalmente entre os homens, não constituía uma suposta vantagem para estes, mas uma forma de sofrimento neurótico. Assim, a igualdade que a contemporaneidade traz para as mulheres no plano do desejo, e que é celebrada como um avanço, é na realidade uma igualdade no plano do sofrimento. Poderíamos ver nisso uma forma atual do famoso *Penisneid* [inveja do pênis] freudiano, não literalmente, enquanto desejo de possuir um órgão sexual igual ao masculino, mas enquanto desejo de ter uma falta, um sofrimento igual ao sofrimento masculino?

⁹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...*, op. cit., p. 56.

¹⁰ LACAN, J. A significação do falo, op. cit., p. 701.

¹¹ FIUMANÓ, M. Como uma mulher se autoriza a desejar? In: CHASSAING, J. L. et al. *Desejo de homem. Desejo de mulher?* Porto Alegre: CMC, 2009. p. 33-47. p. 40.

O que não significa que as diferenças entre homens e mulheres sejam com isso anuladas. A própria Marisa Fiumanó¹² acrescenta que “[as] mulheres, que também experimentam a clivagem masculina entre amor e desejo, [...] não encontram nessa clivagem nem uma barreira para sua própria insatisfação, nem um limite para uma liberdade (de desejar) sentida como risco de se perder.” Conforme outra seguidora de Lacan, Colette Soler¹³, que compartilha a opinião da autora acerca da generalização da clivagem entre homens e mulheres, ainda assim continua a existir uma dissimetria entre ambos: “Formulemos a dissimetria: o ser fálico, única identificação que sustenta o ser mulher, sustenta-se no amor”. Caberia aqui uma discussão mais aprofundada sobre a especificidade do desejo para um sujeito numa posição feminina, que não cabe no âmbito deste texto.

Soler¹⁴ observa ainda a inexistência, na contemporaneidade, de um mito do amor.

Agora, o Outro já não sustenta esses nós amorosos, nem o amor homossexual à moda antiga, nem o amor cortês da Idade Média, com sua variante preciosista, nem o amor glorioso dos clássicos e nem tampouco o amor divino. Uma vez perdidas essas figuras típicas do passado, restam, no entanto, nossos amores... sem modelo. A característica de nosso século. O amor contemporâneo ficou órfão de seus mitos, reduzido unicamente à contingência dos encontros.

O termo *mito* deve ser tomado aqui não como mentira, inverdade, mas no sentido da antropologia estrutural de Lévi-Strauss, como a construção de uma narrativa que visa dar conta de um real incognoscível. Nos seus estudos dos mitos das tribos das Américas, esse antropólogo mostra como o mito busca dar sentido àquilo que se impõe aos membros dessas tribos como um real fora do sentido: a origem dos seres humanos, a origem do mundo. O mito é uma narrativa que preenche com sentido o vazio de sentido do real, ou seja, cumpre uma função imaginária. Ao mesmo tempo, designa lugares para o sujeito na cultura à qual pertence, ou seja, cumpre uma função simbólica. O real, no presente caso, é a impossibilidade lógica da relação [*rapport*] sexual, tal como foi definida por Lacan. Assim, os mitos do amor são as narrativas que organizavam outrora a forma como se experimentava o amor.

A autora se refere ao mito do amor na Antiguidade, narrado no *Banquete* de Platão, que Lacan¹⁵ comenta no *Seminário 8: a Transferência*, como uma invenção de Sócrates; ao

¹² FIUMANÓ, M. Como uma mulher se autoriza a desejar?, op. cit., p.40.

¹³ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 80.

¹⁴ Id., *ibid.*, p. 172.

¹⁵ LACAN, J. *O Seminário, Livro 8: a transferência* [1960-1961] 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

amor cortês, cujo surgimento no século 12 chama a sua atenção no *Seminário 20: Mais, ainda*, e antes disso, nas páginas eruditas que ele lhe dedica no *Seminário 7: a Ética da Psicanálise*¹⁶; e, finalmente, ao romantismo do século 19. Apesar de não mencionar aqui, ela leva em consideração o *amour fou* [amor louco], invenção dos surrealistas, que Lacan também cita nessa mesma aula do *Seminário 7*.

Na ausência de um mito para traduzir o amor na cultura contemporânea, ele se torna, quando advém para o sujeito, algo para o qual este não possui referências, parecendo por isso ainda mais contingente. O termo *contingente* remete à lógica modal, que Lacan vai utilizar no seu *Seminário 20, Mais, ainda* para falar do amor. Segundo essa lógica, ele situa a relação sexual (que não se refere ao ato sexual, como vimos) como *impossível* – o que *não para de não se escrever* – ao mesmo tempo em que define o amor como *contingente* – o que *para de não se escrever*. O contingente é o que pode ocorrer, mas não necessariamente: o eventual, o fortuito, o incerto. “A contingência, eu a encarnei no *para de não se escrever*. Pois aí não há outra coisa senão encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual”¹⁷, diz Lacan na última aula do *Seminário 20*. E conclui: “O deslocamento da negação, do *para de não se escrever*, ao *não para de se escrever*, da contingência à necessidade, é aí que está o ponto de suspensão a que se agarra todo amor”¹⁸.

O que Lacan busca enfatizar com essas categorias lógicas é o anseio do falasser em fazer com que o amor passe do encontro contingente, acidental, puro acaso, para o necessário, ou seja, aquilo que se escreve “para sempre”. Não se trata, como lembrei no início, de “academizar” o amor, nem de empregar metáforas fluidas para constatar que ele não possui, nos dias de hoje, a mesma consistência que em outras épocas. Do ponto de vista da Psicanálise, o que está em jogo aqui é a falta aberta pela impossibilidade de encontrar na linguagem, que nos afastou da natureza, a inscrição da relação [*rappor*t] sexual e as tentativas que o sujeito faz para preencher essa falta. Além disso, não podemos deixar de lembrar que, quando falamos do amor, do desejo e do gozo numa perspectiva psicanalítica, devemos considerar todo o tempo o sujeito do inconsciente. Isso significa que as escolhas aqui discutidas – do objeto amoroso, do objeto do desejo, da posição de gozo, etc. – ainda que digam respeito ao *eu*, seguem sempre a determinação do inconsciente, ou seja, não são simplesmente escolhas conscientes, no sentido de puros atos de vontade.

¹⁶ LACAN, J. *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

¹⁷ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 156.

¹⁸ Id., loc. cit.

No que diz respeito ao sexo, a mudança cultural que trouxe a retirada das interdições sociais e favoreceu uma maior liberdade sexual, trouxe também consequências sobre a forma como o sexo é experimentado e sobre o lugar e a importância que lhe são atribuídos pelo sujeito. Não se trata simplesmente de constatar a banalização do sexo nos dias atuais, constatação fácil de ser feita pelo senso comum – e da qual, aliás, alguns autores fazem o centro do seu discurso, pretensamente teórico –, mas de investigar que mudanças se deram no que diz respeito ao papel do sexo para os sujeitos de um ponto de vista não apenas descritivo, mas a partir de uma conceitualização rigorosa.

Para um seguidor contemporâneo de Lacan, Charles Melman¹⁹, “Em matéria de causalidade psíquica, só há uma coisa séria, uma apenas. E toda proposição que não lhe conceda um lugar central deve ser tomada como uma proposição de defesa diante da verdade. Essa coisa, sabemos graças a Freud e a partir de Freud, é o sexo!” Segundo esse autor, Freud considerava uma hierarquia dos gozos, na qual o gozo sexual ocupava o ápice, tendo o caráter de um prêmio que o sujeito poderia alcançar. Podemos dizer – simplificando muito – que a finalidade da terapêutica psicanalítica freudiana consistia em possibilitar ao neurótico resgatar o gozo sexual que este havia trocado pelo gozo do sintoma, o qual para Freud era um “sucedâneo para essa satisfação”²⁰.

Segundo Melman²¹, assistimos hoje em dia a uma mudança dessa hierarquia, em que o gozo sexual deixou de ser o mais importante.

O gozo sexual – e é um dos efeitos, na minha opinião, dessa mutação – que até aqui se apresentava como o padrão de todos os outros gozos, quer dizer, o que dava a medida deles e permitia a relativização dos diversos gozos orificiais, ocupa agora um lugar comum, habitual, entre os outros. Perdeu esse privilégio, que havia surpreendido Freud e os primeiros freudianos, de ser o organizador de todos os gozos ditos parciais, de se encontrar, de certo modo, no topo do edifício.

Assim, outros gozos adquirem preponderância sobre o gozo sexual como, por exemplo, o gozo das substâncias psicoativas, do *body-building* ou o gozo de passar dias diante de uma tela jogando *games*. Notem que se trata aqui de uma leitura feita a partir da teoria psicanalítica que diagnostica uma mudança no regime dos gozos. Levar em conta essa leitura

¹⁹ MELMAN, C. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2003. p. 144.

²⁰ FREUD, S. Conferências introdutórias à psicanálise: Conferência 19 – Resistência e repressão. In: _____. *Obras completas*, op. cit. p. 381-401. p. 397.

²¹ MELMAN, C. *O homem sem gravidade*, op. cit., p. 29.

contribuiria bastante para a compreensão e o tratamento das adicções, entre outras questões clínicas.

Esses breves comentários nos mostram que há mudanças na forma como são vivenciados, na atualidade, tanto o amor quanto o sexo. Porém, essas mudanças deixam inalterada a condição fundamental do humano, ou seja, o seu estatuto de ser da linguagem. Enquanto tal, ele está afastado da harmonia natural, instintiva, com o sexo, que supomos existir entre os animais. As soluções que ele buscará para esse impasse terão de levar em conta esse fato.